

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

THUANNE DA SILVA SANTOS

“DEUS NÃO LIGA PARA COR QUANDO RESOLVE MANDAR UM TORNADO”:
RAÇA E GÊNERO EM HISTÓRIAS CRUZADAS (2012).

UBERLÂNDIA

2019

THUANNE DA SILVA SANTOS

“DEUS NÃO LIGA PARA COR QUANDO RESOLVE MANDAR UM TORNADO”: RAÇA
E GÊNERO EM HISTÓRIAS CRUZADAS (2012).

Monografia apresentada como exigência
parcial para obtenção do título de Bacharel em
História oferecido pela Universidade Federal
de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Florisvaldo Ribeiro
Júnior

UBERLÂNDIA

2019

THUANNE DA SILVA SANTOS

“DEUS NÃO LIGA PARA COR QUANDO RESOLVE MANDAR UM TORNADO”:
RAÇA E GÊNERO EM HISTÓRIAS CRUZADAS (2012).

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Florisvaldo Ribeiro Júnior, Orientador – UFU/MG.

Prof. Ms. Anderson Aparecido Gonçalves de Oliveira, Doutorando PPGHI - UFU/MG.

Prof. Régis Rodrigues Elísio, Mestrando PPGHI - UFU/MG.

Uberlândia, 04 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por estar comigo em todos os momentos da minha vida. Sem a sua misericórdia eu não seria nada. Ele é o que me sustenta e a real razão do meu viver.

Agradeço ao meu pai, Euripedes, por sempre me apoiar e incentivar nos estudos. A minha mãe, Elisangela, agradeço por nunca me deixar faltar amor e por sempre me mostrar o que importa na vida. Vocês são minha maior missão!

Ao meu marido, Gabriel, pela compreensão, dedicação, amor e pela louça lavada. Nunca na vida, fui tão irritante e você soube, perfeitamente, trazer alegria ao meu coração. Você me faz transbordar de amor!

A minha irmã Jordana, agradeço por dividir comigo os piores momentos da minha vida! Sem você eu não teria forças para aprender com eles. Ao meu irmão, Kleiton Júnior, por ser a razão da minha saudade de Araguari. Amo vocês!

As minhas irmãs de coração, Nathalia, Júlia e Angélica, agradeço pelo amor incondicional e por acreditarem em mim! Através de vocês, eu conheci o verdadeiro amor. Vocês fazem parte da minha construção. Muito obrigada por se revelarem verdadeiras irmãs e me sustentarem nos momentos difíceis que enfrentei.

A minha tia Cárita Milena e ao meu tio José Medeiros (em memória), pela disposição em cuidar de mim. Nunca conseguirei agradecer-los a altura. Ao meu avô, agradeço pela alegria herdada. Amo vocês!

Aos amigos que a História me trouxe: Mirelli, Bruna, Thaís, Paulo, Lucas, Rosemary, Ludmila, Wítalo, Rafael, Marco Mendonça e todos aqueles que cruzaram os corredores da História comigo. O meu muito obrigada!

Por fim, agradeço ao meu orientador, Florisvaldo, pela paciência e pela persistência. Ao Instituto de História por sempre me atender tão bem e aos professores, que tijolo a tijolo, contribuíram para minha formação acadêmica e humana. Muito obrigada!

RESUMO

O cinema como fonte histórica é material relevante, pois indissociável de seu tempo presente, expõe aspectos que outras fontes históricas dificilmente mostrariam, cumprindo papel fundamental no levantamento de discussões. O presente trabalho visa identificar e analisar, sob o viés de raça e gênero, o papel de quatro importantes personagens do filme *Histórias Cruzadas* (2012): Aibileen (Viola Davis), Constantine (Cicely Tyson), Minny (Octavia Spencer) e Skeeter (Emma Stone). Embasado na viabilidade de se ter negras e brancas juntas por uma causa em comum, primeiro temos análises de fragmentos do longa-metragem, que buscam identificar as personagens negras em seus lugares de atuação. Examinado suas atuações sob viés histórico, neste trabalho desvela-se o protagonismo de tais personagens. Em seguida, propõe-se pensar sobre o lugar de atuação da personagem Eugenia Skeeter Phelan (Emma Stone). Labora-se as tensões sociais criadas ao redor da personagem, e a ruptura desta com os comportamentos padronizados do sistema patriarcal da década de 1960. Por fim, reflete-se sobre o cuidado que filmes do gênero histórico necessitam ter, elucidando como o objeto deste trabalho torna-se problemático ao usar de estereótipos para compor suas personagens. Diante disso, nota-se um avanço – ainda que discreto – no que se refere a união das mulheres negras com a personagem branca, no qual vê-se a construção conjunta de um lugar de fala.

Palavras-chave: cinema, história, mulheres negras, representação, estereótipos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Aibileen Clark em sua primeira cena. Frame retirado em 00:01:28.	25
Figura 2: Rachadura da mesa. Frame retirado em 00:09:04.....	27
Figura 3: Aibileen lembrando a morte do filho. Frame retirado em 01:10:09.	28
Figura 4: Jesus, Tree Lore e presidente John F. Kennedy. Frame retirado em 01:36:20.....	29
Figura 5: Reverendo Green. Frame retirado em: 00:39:29.....	30
Figura 6: Aibileen contando sua história. Frame retirado em: 00:44:31.	32
Figura 7: Aibileen e Mae Mobily. Frame retirado em: 00:03:00.....	33
Figura 8: Peruca de Aibileen. Frame retirado em: 00:03:06.....	34
Figura 9: Constantine e Skeeter. Frame retirado em: 00:24:13.	35
Figura 10: Demissão de Constantine. Frame retirado em 01:51:31	37
Figura 11: Minny chegando na fazenda Foote. Frame retirado em 00:49:30.....	39
Figura 12: Hilly, Senhora Waters e Minny. Frame retirado em: 00:08:17.....	40
Figura 13: Hilly Holdbrook. Frame retirado em: 00:07:25.	41
Figura 14: Minny, Hilly e a torta. Frame retirado em: 00:38:33.	42
Figura 15: Minny e Celia Foote. Frame retirado em: 00:51:32.....	43
Figura 16: Minny e Celia almoçando. Frame retirado em: 01:06:17.	44

Figura 17: Skeeter, Minny e Aibileen. Frame retirado em: 02:11:38.	46
Figura 18: Eugenia Skeeter. Frame retirado em: 00:04:40.	48
Figura 19: Flashback de Skeeter e Constantine. Frame retirado em: 01:55:03.	49
Figura 20: Skeeter estudando as leis “Jim Crow”. Frame retirado em: 00:37:39.	51
Figura 21: Domésticas relatando suas histórias. Frame retirado em: 01:30:14.	52
Figura 22: Stuart e Skeeter. Frame retirado em: 01:15:20.	53
Figura 23: Stuart terminando o relacionamento com Skeeter. Frame retirado em: 01:57:46...	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 NEGROS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: CONTEXTO HISTÓRICO.....	13
1.2 SOBRE O FILME: DESCRIÇÃO E APONTAMENTOS.....	18
2. “VOCÊ É BOA, VOCÊ É ESPERTA, VOCÊ É IMPORTANTE”: O PROTAGONISMO DAS MULHERES NEGRAS EM HISTÓRIAS CRUZADAS.....	24
2.1 AIBILEEN.....	25
2.2 CONSTANTINE.....	35
2.3 MINNY JACKSON.....	39
2.4 AIBILEEN, CONSTANTINE E MINNY.....	46
3. “O CAMINHO É DIFÍCIL QUANDO A MÃE NÃO ACHA O FILHO BONITO”: EUGENIA SKEETER PHELAN E AS TENSÕES SOCIAIS.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
FONTES.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

1. INTRODUÇÃO

“[...] Todo dia, todo santo dia que você não tá morta, quando acorda de manhã tem que tomar decisão. Tem que fazer a si mesma essa pergunta: eu vou acreditar em todas as coisas ruins que os bobos falarem de mim hoje?” 24:15 Constantine.

Em 1963 na cidade de Jackson, Mississippi, uma jovem jornalista branca retorna a sua cidade natal decidida a se tornar uma grande escritora. Eugenia “Skeeter” Phelan (Emma Stone), deparando-se com inúmeros casos de racismo e motivada pelo sumiço mal explicado de sua antiga babá negra, Constantine (Cicely Tyson), percebe a segregação racial naquela sociedade e vê, nesta opressão a chance de oferecer as empregadas negras o direito de resposta.

Para isso, alia-se – após muita insistência - a empregada de uma de suas amigas, Aibileen Clark (Viola Davis), para conseguir os relatos necessários de seu livro. Entretanto, defronta-se com o grande medo das empregadas em contarem suas histórias, devido à grande repressão que viviam.

Neste ínterim, uma de suas amigas, Hilly Holdbrook (Bryce Dallas Howard), propõe um projeto de lei que proibiria as empregadas de usarem o banheiro social dos patrões brancos, sendo necessário construir um banheiro próprio para estas. Então Minny Jackson (Octavia Spencer), melhor amiga de Aibileen, sofrendo com grande injustiça de sua ex patroa Hilly, decide relatar a Skeeter tudo o que já passará como doméstica.

E é nesta conflituosa situação, que mistura a segregação racial do estado do Mississippi com a abordagem das empregadas negras sobre suas vivências, que o filme *Histórias Cruzadas* (2012) transcorre.

Baseado no livro “A Resposta”¹, o longa *Histórias Cruzadas* (2012) – *The Help* (2011) - dirigido e roteirizado por Tate Taylor, utiliza-se da segregação racial dos anos 1960, no estado do Mississippi, explorando o ponto de vista das empregadas negras sobretudo no que diz respeito ao racismo, as relações de afeto e a desvalorização e subalternidade, vivenciadas com as patroas brancas.

Nisto, vemos o papel de notoriedade estabelecido pela indústria do cinema, como disseminador de discussões em volta de pautas históricas e contemporâneas.

¹ STOCKETT, Kathryn. *A Resposta*. Tradução de Caroline Chang. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

É necessário entender, para realização do presente trabalho, que o cinema como fonte histórica “é testemunho singular de seu tempo, pois está fora do controle de qualquer instância de produção, principalmente do Estado, onde a censura não consegue dominá-lo”², sendo para a historiografia, um material de grande valor por, expor aspectos que fontes escritas dificilmente revelariam.

Fazer história no/do cinema é saber a princípio, que um filme é produto indissociável de seu tempo e que seu significado só pode ser entendido pelos que lhe são coetâneos. Sendo assim, a função de um filme não é “prestar testemunho” de uma dada realidade, mas

[ser] um produto cultural inscrito em um determinado contexto sócio-histórico.[...] Em um filme, qualquer que seja seu projeto(descrever, distrair, criticar, denunciar, militar), a sociedade não é propriamente mostrada, é encenada. [...] o filme constitui um ponto de vista sobre este ou aquele aspecto do mundo que lhe é contemporâneo.³

Direta ou indiretamente, a indústria cinematográfica é utilizada como instrumento de propagação ideológica, afetando a forma como vê-se o passado e sendo, uma grande formadora de opinião.

Neste sentido, o cinema como agente histórico tende a contar histórias valendo-se da identificação do público com um personagem ou mais, os quais, quase sempre, limitam-se a uma jornada heroica. A jornada do herói é aquela pela qual muitos roteiros, incluindo os que retratam tempos históricos, se detém, onde o personagem principal é uma pessoa comum, que é chamada a prova/aventura e num primeiro momento, recusa, porém surge uma situação ou alguém que o faz mudar de ideia, e este disposto a enfrentar os próprios medos em nome de uma comunidade/bem maior, toma coragem e aceita seu destino. O personagem supera obstáculos, é testado e posto em seu limite máximo até que enfim receba a sua recompensa e saia vitorioso.

O uso da identificação “com um mito por vezes tão distante, é porque existem mecanismos que permitem o reconhecimento destes mitos como representantes de uma virtude superior”⁴ e que vai dialogando com o contexto histórico e social ao qual pertence o receptor de tal linguagem.

Sabendo-se então, que a maior parte das obras cinematográficas utilizam-se do manejo da identificação com o público; compreendendo que um filme é fala de seu

² MORETTIN, Eduardo Vctorio. “O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro” In: Revista História: Questões e Debates; Curitiba: Editora UFPR;2003, nº38, p. 11 – 42.

³ VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre análise filmica. Ed. Papirus; Campinas- SP, 1994.

⁴ SALLES, Filipe. “O cinema épico”. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/24-histocinema/185-cinema-epico> Acesso: 08/06/2019.

próprio tempo e é um grande instrumento de propagação de conceitos e ideias; é que tenho como objeto de trabalho o longa *Histórias Cruzadas* (2012).

Um longa tem poder de refletir sobre seu presente ainda que para isso, represente o passado. Ao elencar um filme de gênero histórico como objeto deste trabalho, atento-me para a não dissociação deste com o seu momento de produção, compreendendo que este é produto - antes de mais nada - de uma visão posterior ao tempo mostrado.

Como dito anteriormente, o filme que reporta-se a década de 1960 e, sob viés da fervente luta por direitos civis, através do interesse de uma jornalista pelo assunto, tenciona dar espaço as mulheres negras - empregadas domésticas - como forma de reagir as políticas segregacionistas do período.

Utilizando -se de um roteiro que prioriza a identificação com o público, o filme traz estereótipos sobre personagens de mulheres negras. Desde os lugares de fala até seus respectivos comportamentos, podemos ver a reafirmação de generalizações dentro da trama que, a princípio, prometia quebrar tais estereótipos.

Todavia *Histórias Cruzadas* (2012), mesmo com problemas, move-se timidamente a uma boa direção. Apesar do uso de estereótipos, o filme não faz o caminho somente de reafirmação sobre as lutas das mulheres negras, ele também entrega a elas - ainda que tênue - poder de fala e poder de ação, sem cair na previsibilidade. Embora o canal pelo qual as personagens negras podem falar, seja através da mulher branca, esta última depende quase que totalmente da ação das domésticas. Com isso, temos a seguinte questão: é viável a junção de negras e brancas na luta por uma causa em comum? Baseando-me neste questionamento, e não me esquecendo dos problemas que o longa-metragem apresenta, o presente trabalho tem por objetivo identificar e analisar, sob o viés de raça e gênero, o papel de quatro importantes personagens da trama: Aibileen, Constantine, Minny e Skeeter.

Visto isso, dividirei a análise em dois capítulos, sendo o primeiro dedicado as personagens negras, e o segundo a personagem branca. No primeiro capítulo, analisando algumas cenas do longa, buscarei identificar as personagens negras em seus espaços de atuação, examinando-as sob o viés histórico. Dividirei este capítulo em quatro tópicos, abordando separadamente as personagens Aibileen, Constantine e Minnie, concluindo com o que estas personagens tem em comum. Neste capítulo, buscarei dar as personagens elencadas, o protagonismo, revelando como cada uma dessas desempenha papel primordial no enredo do longa.

Não obstante, no segundo capítulo, ainda sob análise de imagens, trabalharei as tensões sociais criadas envolta da personagem de Emma Stone, Eugenia Skeeter. Nele elucidarei o rompimento da personagem com comportamentos pré-estabelecidos, comparando-a com a padronização comportamental vista nas personagens da alta sociedade, sua postura em relação aos personagens negros e sua tentativa de ruptura com o sistema patriarcal.

1.1 NEGROS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: CONTEXTO HISTÓRICO.

Baseando-se no pensamento Iluminista de que “todos os homens são iguais”, a Constituição dos Estados Unidos da América de 1787, efetivava a formação de uma República Presidencialista e Federalista. Entretanto, 70 anos depois de sua promulgação e as portas da Guerra de Secessão, em 1857, a ideia de que “todos os homens são iguais” foi levada a cabo por Dred Scott. Escravizado de Saint Louis, Scott foi levado de Missouri, estado escravista, para Illinois e Wisconsin onde a escravidão já estava proibida.

Fundamentando-se no Missouri Compromise Act (1820)⁵, Scott pleiteava o direito a liberdade já que, havia passado por estados em que a escravidão estava abolida, levando o caso ao Supremo Tribunal. No entanto, o Supremo Tribunal declarava a inconstitucionalidade da ação movida por Scott, aprovando “por 7 votos a 2 uma decisão onde argumenta, usando o princípio da intenção original do legislador, que os autores da constituição americana nunca pretenderam incluir os negros”⁶ e que estes sequer eram cidadãos americanos.

Esta decisão demonstra como a questão da escravidão ocupava o centro do conflito da guerra civil americana. Se por um lado, tínhamos os estados do Norte que defendiam a abolição – visto que o trabalho escravo era improdutivo nas terras de clima similar ao Europeu – por outro, haviam os estados do Sul com uma cultura totalmente voltada a agro exportação e plantation, sendo favorável o uso de mão de obra escrava e sua preservação.

Nisto temos as diferenças que fundamentaram a Guerra Civil Norte Americana – ou Guerra de Secessão. Norte e Sul se debruçavam sob a iminente abolição escravista e discordavam quanto ao ponto central do conflito. É mister que ambos mantinham interesses econômicos referentes a questão da escravidão: enquanto o primeiro

⁵ Segundo Florisvaldo Júnior, “a reivindicação de Scott baseava-se no Missouri Compromise Act (1820) e no princípio do “once free, always free”, que definiam um paralelo territorial pelo qual uma vez livre, ele não poderia mais ser considerado escravo [...]”. JÚNIOR, Florisvaldo Paulo Ribeiro; CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. “TRIBUTO A NINA SIMONE: arte, política, o corpo e a questão racial/sexual nos Estados Unidos da América em dois atos” In: Caderno Espaço Feminino, Uberlândia-MG, v. 29, n. 2 – Jul./Dez. 2016.

⁶JÚNIOR, João Feres. “O combate á discriminação racial nos EUA: estudo histórico comparado da atuação dos três poderes.” In: Sociedade em Estudos, Curitiba- PR, v.2, nº 2, p.53-61, 2007.

necessitava de mão de obra barata e mercado consumidor para o desenvolvimento da industrialização no país, o segundo, por sua vez, queria manter o cerne de seu mercado agrário na exportação não sendo interessante a liberdade da mão de obra. Em decorrência disto, a elite sulista passa a planejar uma separação dos estados do Sul do restante do país, uma secessão.

Com a eleição de Abraham Lincoln – um antiescravista e abolicionista declarado – defendendo o ponto de vista nortista em relação a escravidão, prometia atacar aqueles que se agarrassem a ideia de secessão. Em decorrência a eleição, em 1861 o conflito chegava as vias de fato.

Uma vez que o Norte possuía a vantagem de ter mais indivíduos habilitados ao serviço militar - já que os negros podiam integrar seu exército - após cinco anos de conflito, estes venceram. Em decorrência a guerra civil, ficou estabelecido o fim do regime escravocrata na promulgação da 13º ementa que proibia quaisquer tipos de servidão e/ou escravidão, tornando-os castigo infringido somente em casos de crimes devidamente julgados e condenados.

“Não haverá, nos Estados Unidos nem em qualquer lugar sujeito à jurisdição, escravidão ou servidão involuntária, salvo como punição de crime pelo qual o réu tenha sido convenientemente condenado”⁷

Outras duas emendas garantiam aos negros o título de cidadãos americanos (14ª) e direito ao voto(15ª). Iniciou-se o período de reconstrução do país e a reincorporação dos estados sulistas ao restante do país e neste momento vê-se o surgimento das primeiras políticas segregacionistas. Para muitos cidadãos sulistas dividir o mesmo espaço que negros era completamente inaceitável e aos nortenhos o sentimento de superioridade em relação aos afro-americanos continuava.

“Leis de segregação racial haviam feito breve aparição durante a reconstrução, mas desapareceram até 1868. Ressurgiram no governo de Grant, a começar pelo Tennessee, em 1870: lá, os sulistas brancos promulgaram leis contra o casamento inter-racial. Cinco anos mais tarde, o Tennessee adotou a primeira Lei Jim Crow e o resto do sul o seguiu rapidamente.”⁸

As leis que instituíam a segregação racial eram uma nova forma de subordinação racial nos estados do Sul estadunidense. Na década de 1890, a partir da tradição do Sul ex-escravista, surgem leis que tiram o direito de voto dos negros, a separação nos espaços públicos, em escolas, hospitais, bebedouros, restaurantes, ônibus

⁷ Constituição dos Estados Unidos da América. Disponível em: <http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/ConstituicaoEUAREcDidaPESSOALJNETO.pdf> Acesso: 24/04/2019.

⁸ KARNAL, Leandro. “História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI”. 3º edição. São Paulo: Contexto, 2017.

e serviços públicos em geral.

“Por todo o Sul, a sociedade começou a consolidar uma profunda segregação baseada em 'critérios raciais'. À exceção do mundo do trabalho, em que brancos e negros conviviam, a sociedade sulista comportava dois mundos separados”.⁹

Tais políticas eram firmadas pelo surgimento de organizações racistas como, a Ku Klux Klan (KKK). Linchamentos, espancamentos de negros “suspeitos”, torturas, condenações e assassinatos eram acordados pela lei e o pensamento sobre a superioridade branca ganhava adeptos até mesmo entre a maioria de brancos pobres. Criava-se uma “segregação política de bases empíricas, ideológica, conhecida como “separados, mas iguais”¹⁰. Com a Suprema Corte julgando casos de discriminação levando em conta a doutrina “separados mais iguais”, dava-se sinal verde para a continuação de tais práticas.

Contudo, a vida no Norte não era mais fácil. Lá a segregação se mantinha de modo informal – não institucionalizada como no Sul- e estava impregnada na cultura dominante. Os empregos oferecidos a negros restringiam-se a trabalhos braçais e serviços domésticos, e estes não deixaram de conviver com demasiadas formas de discriminação.

Em suma compreende-se que os lugares destinados aos negros conservaram-se como os subalternos. Observa-se que sentimentos extremistas em relação aos direitos igualitários para com os negros, acentuou-se e concentrou-se ainda mais deste período em diante. Com início do século XX, os negros passaram a se organizar em grupos, movimentos e instituições. O apogeu deste movimento se deu a partir da década de 1950, com o surgimento de movimentos organizados tanto por negros quanto por brancos, que lutavam contra a discriminação racial vigente e pela restituição de seus direitos.

O movimento por direitos civis é o movimento social em massa, mais importante da história dos Estados Unidos. Tendo como ponto alto o protesto de Rosa Parks, ao não ceder lugar de um transporte público a um branco, o movimento operou tanto na cidade quanto no campo, tanto no Sul quanto no norte estadunidense movendo milhares de pessoas em busca de “direitos econômicos, políticos e pela dignidade

⁹ KARNAL, Leandro. “História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI”. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2017; p.141.

¹⁰ BATISTA, Kássius Kennedy Clemente. Mississippi em chamas e Panteras Negras no intervalo entre História e Cinema. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014. p. 14. Programa de Pós-Graduação em História-UFU, Uberlândia, 2014.

social.”¹¹

Dr. Martin Luther King, um dos maiores líderes deste movimento, pastor Batista da Geórgia, fundador da Conferência de Liderança Cristã, surgiu como líder local em meados da década de 1950, com formação acadêmica e título de doutor. Possuindo uma oratória extraordinária, King arrebanhava muitos fieis, preferindo exaltar a coletividade do movimento do que a individualidade.

Apregoava, a exemplo de Mahatma Gandhi, que a luta por direitos civis deveria estar baseada na desobediência civil, como forma de resistência pacífica; cultivando uma política/movimento fortemente “moral e religioso que apelava á retórica americana do valor da liberdade como á da justiça social bíblica.”¹²

A liberdade para esse movimento expressava “igualdade, poder, reconhecimento, direitos e oportunidades.”¹³ O movimento se caracterizou por sua pluralidade e diversidade de reivindicações “lutavam [homens e mulheres, negros e brancos] por direitos econômicos e pela dignidade social além dos direitos civis formais”¹⁴. Parte desta pluralidade estava contida nos planos/ideologia de cultivo da valorização da cultura afro-americana e a necessidade de estratégias mais ofensivas/defensivas e táticas radicais; pensamentos estes praticados pelos Panteras Negras e seu maior líder, e grande expoente do movimento, Malcom X.

Malcom X vinha como contraponto em relação a ideologias e comportamento frente ao movimento por direitos civis. Adotara um discurso de viés separatista e apoiava o armamento daqueles que participavam da luta. Enquanto para King não havia necessidade de convencer as pessoas, já que, sua luta fundia-se a suas pregações, X por sua vez “falava para aqueles que não concordavam com suas ideias, acusando o homem branco de ser o próprio demônio”¹⁵.

Entretanto, com os assassinatos dos principais líderes do movimento por direitos civis, e o fraco apoio do governo, ele aos poucos foi se fragmentando e

¹¹ KARNAL, Leandro. “História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI”. 3º edição. São Paulo: Contexto, 2017; p. 243.

¹² PURDY, Sean. Direitos Civis e Contracultura nos EUA Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/direitos-civis-eua-apresentacao> acesso em: 11/12/2017.

¹³ KARNAL, Leandro. “História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI”. 3º edição. São Paulo: Contexto, 2017; p. 243.

¹⁴ PURDY, Sean. Direitos Civis e Contracultura nos EUA Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/direitos-civis-eua-apresentacao> acesso em: 11/12/2017.

¹⁵ BATISTA, Kássius Kennedy Clemente. Mississippi em chamas e Panteras Negras no intervalo entre História e Cinema. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014. p. 18. Programa de Pós-Graduação em História- UFU, Uberlândia, 2014.

perdendo força. O fim da segregação e a adoção de “ações afirmativas” nas políticas públicas foram algumas das reivindicações atendidas, todavia “a maioria dos negros permaneceu desproporcionalmente pobre.”¹⁶

Os desdobramentos da escravidão, revela-se presente até os dias atuais nos Estados Unidos da América. Resguardados por discursos de intolerância do até então candidato à presidência dos EUA, Donald Trump, as cadeias de protestos em apoio ao presidencial, ocorridas em 2016, desvelaram radicais de extrema direita e racistas, idolatrando figuras como Hitler e seitas como a Ku Klux Klan.

Tais movimentos com ideias extremamente retrógradas, revelam ao mundo que a luta pelos direitos civis, que custou a vida de tantos cidadãos negros, foi apenas uma parte da batalha. Ainda hoje há a adoção de políticas que coordenam ações nos quais os negros são estritamente controlados, aprisionados e subordinados a uma forma de escravidão moderna¹⁷. Percebemos que, afinal, o caminho para a igualdade racial ainda está em plena movimentação. No título do presente trabalho, trago uma interpretação sobre este caminho.

Ao dizer que “Deus não liga para cor quando resolve mandar um tornado”, atento-me as representações filmicas presentes no longa aqui analisado. Na passagem de um tornado pela cidade de Jackson, a personagem de Viola Davis, Aibileen Clark, com a voz em off, relata que naquela noite, havia morrido mais brancos que negros e seguida diz a frase do título. Nesta monografia, esta frase detém um sentido um pouco diferente do original: Skeeter é o tornado que, mediante todo o atrito e conflito que esta causa tanto para brancos quanto para negros, não liga para a cor da pele para realizar o que deseja. Nisto temos um dos caminhos mais usados pelo cinema clássico de Hollywood: a (o) branca (o) que atua como heroína e retira da obscuridade a luta das negras (os).

¹⁶ KARNAL, Leandro. “História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI”. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2017; p. 243.

¹⁷ No documentário “A 13ª emenda”, disponível no serviço de streaming Netflix, é desvelada a forma funcional do sistema presidiário dos EUA. Acompanhamos como a adoção de políticas segregacionistas nas décadas de 50, 60, 70, 90 e 00 culminaram no maior aprisionamento em massa de pessoas. Em sua maioria, pessoas negras e pobres. Percebemos a tendenciosidade do governo estadunidense em relação ao lugar do negro no país, e a permissividade com a qual é regida as políticas que promovem estes aprisionamentos que vão desde interesses econômicos a repressão do negro. 13ª emenda – Direção: Ava Duvernay, 2016 (1h40min).

1.2 SOBRE O FILME: DESCRIÇÃO E APONTAMENTOS.

Histórias Cruzadas (2012), é um filme de gênero dramático que introduz o espectador a assuntos relevantes como a segregação racial, o racismo e a intolerância da década de 1960, nos Estados Unidos da América. Dirigido e roteirizado por Tate Taylor¹⁸, lançado em 2011 nos EUA, o filme de 137 minutos contém em seu elenco nomes de peso da indústria do cinema norte americano como Emma Stone, Viola Davis, Jessica Chastain, Bryce Dallas Howard e Octavia Spencer. Bem recebido pela crítica e pelo público em geral, concorreu em várias premiações¹⁹ importantes e em três das categorias mais prestigiadas do Oscar²⁰. Com um orçamento de 25 milhões de dólares o filme foi muito bem recebido arrecadando globalmente mais de 220 milhões de dólares.

Baseado no livro A Resposta (The Help, 2008) de Kathryn Stockett, o filme se passa na cidade de Jackson (Mississippi- EUA), no início da década de 1960 e tem como base e contexto histórico o movimento por direitos civis dos cidadãos negros estadunidenses. A película acompanha Eugênia Skeeter (Emma Stone) que após se formar em jornalismo no norte dos Estados Unidos, retorna a sua cidade natal com o sonho de se tornar uma grande escritora.

Ao chegar em Jackson, a personagem logo consegue um emprego em que responderia cartas sobre tarefas domésticas em uma coluna chamada Dona Mirna. Para responder tais cartas, Skeeter entra em contato com a empregada de sua amiga Elisabeth Leefolt (Ahna O'Reilly), Aibileen Clark (Viola Davis), já que Constantine (Cicely Tyson) – empregada de sua família - havia se demitido de sua casa e esta não saberia

¹⁸ Diretor, ator e produtor, nascido em 3 de junho de 1969, Taylor possui 15 anos de carreira e 8 filmes e séries lançados. Além de Histórias Cruzadas (2012), dirigiu James Brown, 2014; Grace and Frankie - Temporada 1, Episódio 1, 2015; A Garota no Trem, 2016; Ma, 2019 onde retomou a parceria com Octavia Spencer; Breaking News In Yuba County, 2019; Eve, onde retoma parceria com Jessica Chastain e está previsto para 2020; e Filthy Rich, Temporada 1 ainda sem previsão de estreia. Atuou na primeira temporada de Filthy Rich como Paul Luke Thomas, no filme Ma como Oficial Grainger, no filme Inverno da Alma(2010), como Satterfield, em Sou Espião (2002), como Lieutenant Percy e Planeta dos Macacos (2001) como Friend at Leo's Party. Como roteirista trabalhou em Filthy Rich e Histórias Cruzadas. Foi produtor executivo de Grace and Frankie e Filthy Rich; produtor de set em Histórias Cruzadas; produtor em James Brown, Ma e Breaking News In Yuba County.

¹⁹ O filme foi bem recebido por críticos e recebeu muito destaque na temporada americana de premiações. Recebeu indicações ao Golden Globe Awards, três prêmios no SAG Awards (levando o de Melhor Elenco, Melhor Atriz Coadjuvante com Octavia Spencer vencedora e Jessica Chastain indicada e Melhor Atriz Principal com Viola Davis), três prêmios no Satellite Awards (sendo estes de Melhor Elenco e Melhor Atriz com Viola Davis), três indicações e dois prêmios no Broadcast Film Critics Association Awards(o prêmio de Melhor Atriz com Viola Davis, Melhor Atriz Coadjuvante com Octavia Spencer ganhadora e Jessica Chastain indicada). Recebeu 41 prêmios de 102 indicações um número relevante.

²⁰ Histórias Cruzadas (The Help) concorreu a Melhor Filme, Melhor Atriz com Viola Davis e Melhor Atriz Coadjuvante com Octavia Spencer como ganhadora e Jessica Chastain como indicada.

responder ao conteúdo das cartas sozinha.

Ao contrário das jovens de sua cidade natal que, frequentaram a faculdade para encontrar maridos, Skeeter almejava crescer na carreira profissional e não se incomodava com sua solteirice para a decepção de sua mãe, Charlotte (Allison Janney). Com câncer em estado terminal, Charlotte pressiona a filha para que esta se case rapidamente, chegando a sugerir que a filha podia estar doente (ser homossexual).

Transpassado a história de Skeeter, nos deparamos com a melhor amiga da personagem, Hilly Holdbrook (Bryce Dallas Howard). Hilly é completamente o oposto de Skeeter: casada, com um filho e respeitada pela jovem sociedade de Jackson todo o seu círculo social a seguia e a tratava como líder.

Antagonista da história, a personagem é a encarnação do racismo e intolerância daquela sociedade. Hilly é a autora do projeto de lei que, proibiria as empregadas de usarem o banheiro social das residências dos patrões brancos pois, segunda a personagem, as negras teriam doenças diferentes dos brancos e o projeto era para prevenir doenças. Então para as empregadas domésticas, construíram-se banheiros do lado de fora das casas. A personagem também é a responsável por apresentar Skeeter ao seu pretendente, Stuart Whitworth (Chris Lowell). Cada qual com sua personalidade forte, Stuart e Skeeter engatam um romance no segundo encontro, sendo o primeiro encontro, promovido por Hilly, um desastre que acabara em discussão entre os dois.

Após a tomada de consciência de Skeeter com o mundo racista, a personagem reconhece inúmeros casos de injustiças cometidos as empregadas domésticas da cidade de Jackson. Instruída por Elaine Stein (Mary Steenburgen) a escrever sobre o que lhe incomodava, Skeeter se atenta ao que lhe perturba naquela sociedade e percebe que as injustiças advindas do comportamento preconceituoso de suas amigas socialites, de seus pais e a iniciativa de Hilly, para legislar banheiros separados para domésticas negras, são o que impulsionam sua ideia de escrever sobre a relação entre brancas e negras.

Motivada também por sua própria experiência de ser criada por uma babá negra, a jovem jornalista tem a ideia de escrever um livro que daria voz as domésticas negras. A princípio a personagem, aproveitando do contato com Aibileen tenta convencê-la de participar de seu projeto, contudo a babá se recusa. Skeeter encontra grande dificuldade e resistência das domésticas para falarem sobre o assunto pois, esta não sabia sobre existência das leis que viabilizavam a segregação, no Mississippi. Desconhecendo as leis Jim Crow, Skeeter procura estudá-las e descobre que a concepção do livro é um ato ilegal no estado do Mississippi, pois o contato entre brancos

e negros era proibido em diversos âmbitos, mas ainda assim a personagem insi em prosseguir com o desenvolvimento do livro.

Paralelamente a história de Skeeter, também acompanhamos a trama sob o olhar de Aibileen Clark. Doméstica e babá desde os 14 anos, esta nunca conhecera outra vida a não ser a de empregada e, após a perda de seu único filho, Threlore, em um acidente de trabalho, nunca mais se confortara e somente o apoio de sua melhor amiga Minny (Octavia Spencer) a fazia viver. Trabalhando para a família Leefolt, Aibileen cuida de toda a casa e principalmente dos filhos do casal, especialmente de Mae Mobly já que, Elizabeth mãe das crianças, sofre de depressão pós-parto e rejeita a filha mais velha.

Encorajada por uma pregação que ouvira em sua igreja, em que se dizia que coragem era ousar realizar o certo e amar seus inimigos falando a verdade a eles, Aibileen decide colaborar com Skeeter e dar seu depoimento a jornalista sendo a primeira a fazer isto. A babá conta que de seus 14 anos até o momento da entrevista, cuidara de 17 crianças e sempre as amou, relatando que conseguia fazê-las sentirem orgulho de si mesmas, coisa que os próprios familiares não faziam.

A princípio, Minny se posiciona contra a entrevista, mas tomada por um impulso e inconformada com as injustiças que estava sofrendo, decide auxiliar e dar a entrevista para Skeeter.

Minny Jackson, melhor amiga de Aibileen, é a personagem mais franca e tempestuosa da trama, sendo protagonista do momento mais polêmico do filme. A personagem além de sofrer com os atos preconceituosos da sociedade de Jackson, vive sob violência doméstica. Mãe de quatro filhos, após ser demitida por Hilly só encontra emprego na casa de uma “rival” da socialite.

Celia Foote - esposa de um ex-namorado de Hilly que, por sua vez, nunca superou o término do relacionamento - é mais um dos opostos da trama: doce, carismática e ingênua a mulher não se adequa ao padrão da elite de Jackson, sendo excluída desta. Ignorando as regras de tratamento e relacionamentos entre negros e brancos, Celia Foote desenvolve um contato a mais com Minny. Ainda que a doméstica tente “ensinar” a Foote como se portar, a última não aceita tais funções e o relacionamento entre estas vai de patroa/empregada a amigas/conselheiras.

Todavia, apesar das inúmeras histórias que Aibileen e Minny relataram, Elaine Stein aconselha Phelan a ter, pelo menos, mais doze empregadas e que o livro esteja pronto antes que o movimento pelos direitos civis se esmoreça. Minny sugere que a

jornalista invente nomes e os coloque em suas histórias, mas Skeeter recua e não aceita a sugestão. Então Aibileen pede a jornalista que não desista do livro pois ela a ajudara pensando em preservar a memória de seu filho.

A dois pontos cruciais que fizeram com que as empregadas domésticas quisessem ceder entrevistas a Phelan: o assassinato de Medgar Evans - fato real- e a prisão de Yule May. Esta última, substituindo Minny na casa de Hilly, necessitou de um empréstimo e então pediu a patroa que lhe emprestasse 75 dólares para complementar a da taxa de matrícula na universidade em que seus filhos gêmeos teriam conseguido vagas. A empregada relata que ela e seu marido juntaram dinheiro durante muitos anos para a faculdade de seus filhos, porém agora, faltava-lhes apenas este valor ou então teriam que enviar somente um dos filhos. Hilly nega o empréstimo para Yule May alegando que esta teria capacidade suficiente para conseguir seu próprio dinheiro. Passados alguns dias, Yule May encontra um anel caído atrás do sofá de Hilly e decidiu penhorá-lo para completar o valor das matrículas. Mas a socialite descobre o fato e denuncia a empregada sendo, ela presa violentamente.

Após a prisão violenta de Yule May as domésticas se unem e dão seus depoimentos a Skeeter que, consegue bater a meta sugerida por Stein. Então Skeeter, Aibileen e Minny percebem que a partir das histórias relatadas consegue-se identificar de quem se fala e temem por serem perseguidas. Minny, oferece uma história que garantiria a proteção e o ocultamento dessas em relação a escrita do livro.

Na passagem de um tornado pela cidade de Jackson, ainda trabalhando para Hilly e a senhora Walters (Sissy Spacek), a doméstica receosa de usar o banheiro feito para ela do lado de fora da residência, e não conseguindo se conter, opta por usar o banheiro social da casa. No entanto, sua patroa Hilly desconfiando do que esta pretendia fazer, a segue. Vendo que Minny tenta usar o banheiro social, a socialite tem um acesso de fúria e a demite, denegrindo a imagem da empregada para todas as mulheres da alta sociedade de Jackson, afirmando falsamente que esta lhe roubara.

Não conseguindo nenhum trabalho depois da difamação promovida por Hilly, a doméstica se vinga. Minny retorna a casa de Hilly alguns dias depois da demissão, com uma torta para sua ex patroa. Enquanto come a torta, Hilly trata a doméstica com total desdém e avisa que só aceitaria sua readmissão se o salário ofertado fosse menor. A personagem então revela que não estava ali para ser readmitida, mas pra ver a ex patroa comer seus excrementos. A torta que Minny levava continha suas fezes e ao saber disso, Hilly tem um colapso nervoso. A história de vingança de Minny se torna um ponto

essencial para a proteção das domésticas que deram seus depoimentos, pois Hilly nunca admitiria que aquela história do livro teria acontecido com ela e então negaria que o livro fosse sobre as empregadas de Jackson.

Ainda sob a orientação de Stein, Skeeter acrescenta uma última história ao livro: a sua. Para isso, a personagem enfrenta sua mãe para saber o que realmente houve com a empregada que a criou, já que a história contada a ela parecia muito suspeita. Charlotte então diz que demitiu Constantine pois, durante um almoço oferecido em sua casa as Filhas da Revolução Americana, na qual foi condecorada a presidência, a filha da doméstica, Rachel, chegando de surpresa para ver a mãe desobedeceu a ordem de Charlotte para entrar pela cozinha a envergonhando na frente de todas as mulheres que ali estavam. Então, tencionando manter o status quo, demitiu Constantine e ordenou que ela e a filha saíssem da casa imediatamente. Rachel levou a mãe para Chicago e passado um tempo, Charlotte e o marido mandaram o filho atrás da doméstica, afim de trazê-la de volta. Porém, quando este chega lá recebe a notícia de que Constantine havia falecido.

Então Skeeter termina o livro e o envia para a editora. O livro, publicado anonimamente para proteção de Skeeter e das entrevistadas, faz sucesso de imediato e toda quantia que a jornalista recebe é repartida igualmente entre Phelan e as empregadas que contribuíram com seus depoimentos. O namorado de Skeeter, Stuart se revolta e sente-se traído ao saber que a autora do livro é a namorada e termina o relacionamento com ela.

Completamente enfurecida com a publicação do livro, Hilly vai até a residência de Skeeter acusá-la de ser hippie, para sua mãe. Entretanto, Charlotte sai em defesa da filha e comenta sobre a fisionomia cansada de Hilly e ironicamente se refere aos pedaços de torta que a socialite comeu. Entendendo que Charlotte sabia da história sobre ela, Hilly tenta se defender, mas antes disso a mãe da jornalista a expulsa de sua propriedade.

Após a retirada de Hilly, Charlotte e Skeeter usufruem de uma conversa em que conseguem se conciliar. Charlotte expressa para a filha o seu contentamento em vê-la ir tão longe na carreira profissional além de, admirá-la por sua coragem e sensatez. Enquanto isso, Minny se depara com uma farta mesa preparada especialmente para ela, por Celia Foote que aprendera a cozinhar com a doméstica. Celia e o marido a agradecem e dizem que na residência dos Foote ela sempre terá um trabalho. Isto dá forças para Minny se separar de seu marido violento e ir morar com os filhos na

residência dos Foote.

Aibileen recebe uma homenagem da igreja que frequenta e ganha uma cópia do livro que ajudou a escrever, assinado por todos os membros de sua igreja. Contudo, Elisabeth – influenciada por Hilly - demite Aibileen a acusando de roubar talheres de prata da coleção que Hilly a tinha emprestado. Aibileen nega o roubo e farta da manipulação de Hilly lhe diz algumas palavras duras que fazem a socialite cair em prantos. Então Elisabeth reforça o pedido de demissão enquanto a doméstica se despede de Mae Mobley. Aibileen sai da residência, e para si mesma confirma que a filha dos Lefoot era a última bebê que criara. Então a ex-doméstica refletindo sobre uma nova vida, reafirma um sonho advindo do filho e que agora era o seu: ser uma escritora.

2. “VOCÊ É BOA, VOCÊ É ESPERTA, VOCÊ É IMPORTANTE”: O PROTAGONISMO DAS MULHERES NEGRAS EM HISTÓRIAS CRUZADAS ?

O filme *Histórias Cruzadas* (2012), tem como proposta central atribuir voz as domésticas negras da década de 1960, planeando a obra ficcional como uma resposta ao racismo outorgado a elas diariamente naquele período histórico. Em suma, a ideia é criar um canal pelo qual as domésticas pudessem contar suas experiências.

Entretanto, há nuances entre o que se propõe e até onde vai o protagonismo de mulheres negras no longa. Pensando nisso, elegi três personagens importantes para o desvelar da trama e que independem uma das outras, ou seja, cada qual desempenhando papel primordial no enredo do filme, e são elas: Aibileen Clark, Minny Jackson e Constantine Jefferson. A partir destas três personagens discorrerei e examinarei algumas cenas a seguir.

2.1 AIBILEEN

A cena inicial do longa tem como figura central Aibileen Clark (Viola Davis). Concentrando-se no relato da doméstica sobre o início de sua vida como empregada, esta conta que nasceu em 1911, no condado de Chickasaw²¹, Piedmont Plantation (localizado no estado de Mississippi²²), e que começou a trabalhar aos catorze anos como babá para ajudar sua mãe nas despesas de casa.

Após recordar parte de sua origem, Eugenia Skeeter (Emma Stone) a questiona sobre sua condição de doméstica:

- E sabia quando criança que iria ser empregada doméstica?
- Sabia sim senhora
- E sabia disso por que?
- Minha mãe era empregada. Minha avó era escrava doméstica.

00:01:29 Aibileen e Skeeter (The Help, 2011).



Figura 1: Aibileen Clark em sua primeira cena. Frame retirado em 00:01:28.

²¹ O condado de Chickasaw County, nomeado assim em referência a população indígena da tribo de Chickasaw, que por muitos anos viveu na região central do atual estado de Mississippi, até ser removida para o território indígena na década de 1830.

²² O estado de Mississippi, historicamente é um dos mais violentos em relação ao povo negro. Localizado na região sudeste dos Estados Unidos da América, tem por capital a cidade de Jackson (cidade onde a trama do filme Histórias Cruzadas está ancorada). Inicialmente se caracterizava por possuir enormes fazenda, tendo sua economia baseada na agricultura, característica que está relacionada com o uso da mão de obra escrava negra.

No diálogo e na figura reproduzidos acima, podemos ver a primeira entrevista do livro “A Resposta, cena que reaparece novamente antes da metade da película. Observamos no dar de ombros da personagem e em sua respiração profunda toda sua exaustão ao responder o porquê de saber que também seria empregada doméstica. Sua “mãe era empregada, [sua] avó era escrava doméstica” e, conseqüentemente, ela havia se tornado empregada, atividade que no Sul dos Estados Unidos, após a abolição da escravidão, restara às mulheres negras.

Na fala de Aibileen, vimos implicada uma dura realidade histórica, na qual o trabalho doméstico está estreitamente relacionado a mulher negra. Visto como uma ocupação destinada a pessoas negras, os serviços domésticos “não estavam nem a meio passo de distância da escravidão”²³. Assim como retratado no diálogo entre Skeeter e Aibileen, pouca esperança de mudança havia para as serviçais, pois livrar-se dos “velhos grilhões da escravidão”²⁴ era enfrentar um estado racista e preconceituoso, que as enxergava como menos que seres humanos.

Enquanto as mulheres negras trabalhavam como cozinheiras, babás, camareiras e domésticas de todo tipo, as mulheres brancas do Sul rejeitavam unanimemente trabalhos dessa natureza. [...] Nesse clássico “círculo vicioso”, o trabalho doméstico é considerado degradante porque tem sido realizado de modo desproporcional por mulheres negras que, por sua vez, são vistas como “ineptas” e “promíscuas”.²⁵

Nisto, enxergamos o caráter “vicioso” do trabalho doméstico que olha a mulher negra como “inepta e promíscua” sendo este ultrajante e desonroso para ser feito por mulheres brancas. O Brasil pouco se difere deste contexto, visto que “nas décadas de 1960 a 1990, houve relatos de empregadas domésticas sobre as discriminações que sofriam no local de trabalho em decorrência de sua atividade”²⁶

Por conseguinte, ainda nos minutos iniciais do longa, um traço importante da personagem de Viola Davis nos é revelado. Ao ser questionada por Skeeter sobre como se sentia criando crianças brancas quando o próprio filho era criado por outras pessoas, Aibileen não consegue responder indicando certa tristeza com a situação. Um pouco

²³ DAVIS, Angela. “Mulheres, Raça e Classe”; Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2016. Disponível em: https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20Davis_Mulheres%2C%20raça%20e%20classe.pdf Acesso: 24/06/2019.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

²⁶ SILVA, Deide Fátima; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; Bifano, Amélia Carla Sobrinho. “Ensaio da História do Trabalho Doméstico no Brasil: um trabalho invisível.” In: Cadernos de Direito, Piracicaba, vol. 17, janeiro- junho, 2017.

mais adiante, enquanto descreve sua relação com sua melhor amiga Minny Jackson (Octavia Spencer), a personagem desabafa sobre o que sente em relação a morte do único filho.

Enquanto, está arrumando a mesa de alimentos para a festa que sua patroa está oferecendo as amigas, a personagem reflete sobre a morte do filho e expressando uma profunda revolta na fala “Depois que meu filho morreu, ficou plantada em mim uma semente amarga, eu nunca mais me conformei”. No momento que pensa sobre sua dor, a patroa lhe indica o arranhão na mesa e esta prontamente o esconde com um prato de comida.



Figura 2: Rachadura da mesa. Frame retirado em 00:09:04.

Este é um momento essencial para entendermos o peso dramático da personagem. Na imagem acima a protagonista é instruída a esconder o arranhão da mesa central da casa de sua patroa, da mesma forma que demonstra ocultar seus sentimentos em relação a morte de seu filho. Tree Lore é uma das figuras primordiais para que a personagem tome a decisão de auxiliar Eugenia Skeeter, ele é o motivo pelo qual a doméstica passa a questionar a sociedade, ele é o “arranhão” do que a personagem tivera como certo em sua vida. Na sequência em que Skeeter está prestes a desistir do livro (por faltarem muitos depoimentos e o curto prazo de entrega do trabalho), Aibileen narra a morte de seu filho, revelando que este é a maior motivação por trás de sua ajuda a jornalista:

“Eles mataram meu filho. Ele caiu carregando toras enormes no moinho. Um caminhão passou por cima dele, esmagou seu pulmão. O capataz branco jogou seu corpo na caçamba do caminhão. Foi até o hospital dos negros, largou ele lá e buzinou. Não tinha nada que pudessem fazer, então eu trouxe meu bebê para casa. Deitei ele no sofá bem ali. Ele morreu bem na minha frente. Tinha só 24 anos. A melhor parte da vida de uma pessoa. Quando chega o aniversário de morte dele, todo ano, eu não consigo respirar, mas para vocês é só outro dia de bridge.” Aibileen, 1:09:23

Ele representa para Aibileen o melhor que tivera em sua vida, e isto fica bastante claro após a personagem declarar para Eugenia Skeeter, seguindo-se a sequência citada acima, que tudo o que ela havia escrito e relatado era para a memória de seu filho. Ou seja, as atitudes e motivações da personagem, ao longo do filme, são para manter presente a lembrança de seu filho. “Se a senhora [Skeeter] parar, tudo o que eu escrevi, tudo o que ele escreveu, tudo o que ele foi morre com ele”.



Figura 3: Aibileen lembrando a morte do filho. Frame retirado em 01:10:09.

Outro aspecto de destaque, é a parede com retratos e imagens que são importantes para Aibileen. A personagem estabelece uma ligação entre a figura de Jesus Cristo, Tree Lore e John F. Kennedy. Vale ressaltar que, inicialmente, o retrato de John F. Kennedy não se encontrava em tal parede, sendo inserido após seu assassinato. Entende-se que para Aibileen as imagens representavam os resquícios de esperança que nutria por seu tempo.



Figura 4: Jesus, Tree Lore e presidente John F. Kennedy. Frame retirado em 01:36:20.

Não obstante, observa-se a forte conexão da protagonista com a religião cristã, quando ao ouvir o sermão do reverendo Green sobre coragem, toma ela própria a decisão de contar sua história a Skeeter. “Coragem não é ser valente, coragem é ousar fazer o certo apesar da fraqueza da nossa carne” 00:39:58 Reverendo Green. A imagem de Jesus Cristo, que está acima das outras duas, representa a fé cristã/protestante da personagem.

Neste cenário, visualizamos a contextualização do longa com o movimento por direitos civis, utilizando-se de uma das principais características desta luta na ação de sua personagem principal. Alimentados pelo discurso de liberdade e prosperidade - American way of life – porém longe de usufruírem de tais promessas, a comunidade negra enfrentava o descaso político e leis que formalizavam espancamentos, torturas, assassinatos e linchamentos.

A liberdade para esse movimento possuía o sentido de “igualdade, poder, reconhecimento, direitos e oportunidades.”²⁷ O movimento se caracterizou por sua pluralidade e diversidade de reivindicações pois “lutavam [homens e mulheres, negros e brancos] por direitos econômicos e pela dignidade social além dos direitos civis formais”²⁸.

²⁷ KARNAL, Leandro. “História dos Estados Unidos: das ao século XXI”. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2017.

²⁸ PURDY, Sean. Direitos Civis e Contracultura nos EUA Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/direitos-civis-eua-apresentacao> acesso em: 11/12/2017.



Figura 5: Reverendo Green. Frame retirado em: 00:39:29.

O longa ao destacar como a fé cristã foi primordial para a tomada de decisão de Aibileen, rememora como a doutrina cristã foi crucial no movimento por direitos civis, sendo a base de uma de suas principais vertentes, liderada pelo pastor batista, Dr. Martin Luther King Jr.

Dr. Martin Luther King, um dos maiores líderes deste movimento, pastor Batista da Georgia, fundador da Conferência de Liderança Cristã, surgiu como líder local em meados da década de 1950, com formação acadêmica e título de doutor. Possuindo uma oratória extraordinária, King arrebanhava muitos fieis, preferindo exaltar a coletividade do movimento do que a individualidade.

“As habilidades com as palavras e os ideais sempre pautados no mito fundador norte-americano garantiram a King uma grande aceitação e admiração entre a população norte-americana”²⁹

Apregoava, a exemplo de Mahatma Gandhi, que a luta por direitos civis deveria estar baseada na desobediência civil, como forma de resistência pacífica; cultivando uma política/movimento fortemente “moral e religioso que apelava á retórica americana do valor da liberdade como á da justiça social bíblica.”³⁰ O movimento por

²⁹ BATISTA, Kássius Kennedy Clemente. *Mississippi em chamas e Panteras Negras no intervalo entre História e Cinema*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014. p. 14. Programa de Pós-Graduação em História-UFU, Uberlândia, 2014.

³⁰ PURDY, Sean. *Direitos Civis e Contracultura nos EUA* Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/direitos->

direitos civis foi o movimento social em massa, mais importante da história dos Estados Unidos.

Na imagem de John F Kennedy, entendemos que para Aibileen a figura do político simbolizava mudanças nas medidas segregacionistas. A morte precoce e trágica do presidente Kennedy refletia a mentalidade comum da época; a não permanência de mudanças nas leis que institucionalizavam a segregação. O presidente Kennedy tornou-se polêmico e fora morto por propor projetos que acabariam com a segregação por lei e exprimir publicamente seu apoio as lutas pelos direitos civis.

Kennedy foi o primeiro presidente a instituir medidas sérias de combate a discriminação racial, criando e instituindo o programa de ações afirmativas empregado pela primeira vez em uma ordem executiva de 1961. Franklin Delano Roosevelt, Harry Trumam, Dwight Eisenhower e John F. Kennedy³¹ são exemplos de presidentes que, deram ordens executivas contra a discriminação racial, mas não institucionalizaram leis que criminalizassem o fato. Somente em 1964, foi instituída uma lei que extinguiu “em termos jurídicos a discriminação racial nos EUA.”³²

Mais adiante no longa-metragem, faz-se importante ressaltar o papel de protagonismo que a personagem, Aibileen, desempenha no período das entrevistas subsequentes. Como descrito no início deste capítulo, a personagem responde as questões propostas por Skeeter até uma dessas lhe trazer recordações de seu filho, fazendo-a dar uma pausa. Quando retornamos a este ato, o silêncio de Aibileen é substituído pela leitura de suas memórias.

[civis-eua-apresentacao](#) acesso em: 11/12/2017.

³¹ Ver em JÚNIOR, João Feres. “O combate á discriminação racial nos EUA: estudo histórico comparado da atuação dos três poderes.” In: Sociedade em Estudos, Curitiba- PR, v.2, n° 2, p.53-61, 2007.

³² CONTINS, Marcia; SANT'ANA, Luiz Carlos. “O movimento negro e a questão da ação afirmativa.” In: Estudos Feministas. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16670/15239> Acesso: 16/06/2019.



Figura 6: Aibileen contando sua história. Frame retirado em: 00:44:31.

É significativo para o enredo ter Aibileen como escritora de suas próprias histórias pois, isso quebra com o imaginário comum sobre o lugar do negro. Além de voz, é dada a personagem poder de ação, seguindo caminho contrário as visões estereotipadas que colocam o negro como vítima passiva pela qual um homem/mulher branco, irá executar o papel de herói que o tirará da obscuridade, desenvolvendo uma ação que moverá as estruturas da sociedade.

Porém aqui temos uma percepção diferenciada. Skeeter e Aibileen, com todas as suas vivências e experiências em jogo, lutam em pé de igualdade por uma única causa. Com esta ação Aibileen e Skeeter produzem suas próprias visões, sobre sua época e suas vidas.

Não menos importante, é o papel preponderante de Aibileen na formação da autoestima de Mae Mobyly (criança que a personagem cuida). A personagem narra que notou conseguir despertar nas crianças orgulho de si mesmas, logo em sua primeira experiência como babá. Carvalho, considera que a construção da autoimagem de um indivíduo começa logo na primeira infância e “[...] depende das interações com o meio e de como os outros recebem e reagem às manifestações do indivíduo”³³. Entende-se que as babás negras tinham mais influência na criação dos filhos de seus patrões do que

³³ CARVALHO, Maria Lidia de. “Compreendendo a Auto-Estima no Enfoque da Gestalt Terapia”. UniCEUB. Brasília, Nov. 2007.

os próprios pais.



Figura 7: Aibileen e Mae Mobily. Frame retirado em: 00:03:00.

Aibileen era a expressão do amor familiar que faltava na vida das crianças que conviveu: as amava, elogiava, respeitava e demonstrava acreditar no potencial dessas. Tanto que a própria menina reconhece Aibileen como sua “verdadeira mãe”. Em outro exemplo, temos a cena em que Mae Mobily usa um dos vasos sanitários deixados no jardim de Hilly e é espancada por sua mãe na frente de todos os curiosos que ali estavam, para em seguida ser consolada por Aibileen que a faz repetir as palavras de autoaceitação e autovalorização: “Você é boa, você é esperta, você é importante”.

“Se a criança é amada, respeitada e aprovada pelos outros, desenvolverá por si bons sentimentos. Se é rejeitada, dificilmente terá um conceito positivo de si, na maioria das vezes passará a se ver como inadequada, inferior, valendo menos que os demais.”³⁴

³⁴ CARVALHO, Maria Lidia de. “Compreendendo a Auto-Estima no Enfoque da Gestalt Terapia”. UniCEUB. Brasília, Nov. 2007.



Figura 8: Peruca de Aibileen. Frame retirado em: 00:03:06.

Outro aspecto interessante é sobre como as palavras de autoaceitação e autoestima que Aibileen declarava para Mae Mobily, refletiam sobre a luta pessoal da personagem. Esta se “armava” com palavras de autoaceitação contra o racismo impregnado nos padrões de beleza. Ao passo que a cultura negra era inviabilizada e inferiorizada por constantes estereótipos, deturpada e corrompida por padrões culturais “dominantes”, a beleza negra era sinônimo de estranheza e feiura. Outro exemplo de autoaceitação e busca por autovalorização que, expõe os mecanismos de atuação racistas, vem da personagem Constantine, que trataremos a seguir.

2.2 CONSTANTINE

Por conseguinte, deparamo-nos com Constantine Jefferson (Cicely Tyson). Empregada e babá de Eugenia Skeeter e a motivação mor por trás da confecção do livro, a personagem é para a jornalista a maior incentivadora de sua valorização e aceitação. Em uma das cenas mais memoráveis do longa, a doméstica desvela a Skeeter um de seus conselhos sobre o assunto:



Figura 9: Constantine e Skeeter. Frame retirado em: 00:24:13.

“- Todo dia, todo santo dia que você não está morta, quando acorda de manhã tem que tomar uma decisão. Tem que fazer a si mesma essa pergunta: eu vou acreditar em todas as coisas ruins que os bobos falarem de mim hoje?” 00:24:15 Constantine

Identificamos durante a trama que tais palavras surtiram um efeito prático na vida de Skeeter que, diferentemente das outras mulheres de Jackson, não se casou e nem teve filhos, porém se dedicou a carreira profissional e não se enquadrava mais ao imaginário social comum das donas de casa de Jackson.

Nisto, Constantine demonstra a sabedoria que remonta a sua vida cercada pelo racismo e preconceito. Se para Skeeter aquelas palavras serviram como uma autoavaliação de prioridades, para Constantine era a prática de uma vida vista pela margem.

O conselho da empregada para Skeeter, exteriorizava o racismo, a intolerância,

a segregação, o sentimento de pertencer a um povo inferiorizado e repleto de estereótipos e preconceitos. E fica evidente na última frase, “eu vou acreditar em todas as coisas ruins que os bobos falarem de mim hoje?”, que esta era uma maneira que a personagem possuía de expressar sua resiliência e resistência.

O racismo ainda é um problema efetivo na sociedade norte-americana. Visto que uma sociedade ideal, idealizada pela própria constituição estadunidense, é aquela que garante a liberdade e a igualdade dos indivíduos perante a lei, a prática do racismo está na não concessão de tais direitos - ditos universais - e no constante uso de mecanismos discriminativos que inferiorizam a cultura e autoestima de um povo.

O racismo surge como explicação da “desigualdade entre os seres humanos [...] não pela força ou pelo poder dos conquistadores [...], mas pela desigualdade imanente entre as raças humanas”³⁵. No entanto, a ideologia racista vem se desdobrando em demasiadas explicações para justificar-se.

“[..]a subordinação e a sujeição política e econômica dos negros foram, primeiro, justificadas pela conquista e pela força dos senhores, e apenas mais tarde pela inferioridade biológica e/ou cultural dos sujeitados, antes de passarem a ser justificadas pela pobreza e pelas características individuais e grupais dos sujeitados”³⁶.

No longa aqui analisado, percebemos o racismo na forma de exclusão cultural e nas atitudes voltadas aos negros. Na sequência que antecede a cena abaixo, Charlotte Phelan (Allison Janney) recebe em sua residência as “Filhas da América” (um grupo destinado a mulheres brancas) para receber a nomeação de chefe de Estado, pelas mãos da presidente nacional do grupo. Após receber a nomeação, esta oferece um jantar a suas convidadas que, logo percebem como a empregada doméstica, Constantine, é lenta ao servi-las.

³⁵ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. “Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos.” Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 14, nº 39, fevereiro – 1999.

³⁶ Idem.



Figura 10: Demissão de Constantine. Frame retirado em 01:51:31

Entretanto, o estopim da reunião se dá com a chegada de Rachel – filha de Constantine. Ao desobedecer a ordem de Charlotte de entrar pelos fundos da casa, e entrar na residência pela porta da frente, Rachel constrange Phelan na frente de todas as mulheres ali presentes. Deparando-se com tal situação e sendo pressionada por suas convidadas, Phelan, demite Constantine e as expulsa, mãe e filha, do recinto.

Constantine é banida da casa dos Phelan, onde, como assinalado por Skeeter, trabalhara por 29 anos, criando as crianças e cuidando dos afazeres domésticos. Podemos ver na reação de Charlotte que, além de doutrina, o racismo permeava o status quo da sociedade mississipiana.

“Racismo pode, ademais, referir-se não apenas a doutrinas, mas a atitudes (tratar diferencialmente as pessoas de diferentes raças e culturas, ou seja, discriminar) e a preferências (hierarquizar gostos e valores estéticos de acordo com a idéia de raça ou de cultura, de modo a inferiorizar sistematicamente características fenotípicas raciais ou características culturais).”³⁷

A pele negra vista como maldição divina³⁸, revela-nos em como os homens de tez branca eram rápidos em designar a outros “aquilo que lhes custava reconhecer em si próprios”³⁹. Veja que o problema de não reconhecer a cultura de outro e, pôr sobre ela a

³⁷ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. “Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos.” Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 14, nº 39, fevereiro – 1999.

³⁸ CALDEIRA, Isabel. “A construção social e simbólica do racismo nos EUA”. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 39, Maio – 1994.

³⁹ Idem.

visão de si mesmo, é em suma, retirar do outro a possibilidade de identificação, e a afirmação de sua própria identidade.

Ainda que, a visão descrita acima reporte aos contatos iniciais envolvendo brancos e negros, os problemas da não aceitação de outras culturas são atuais. A deterioração destas culturas renegadas, vem, principalmente, por meio dos estereótipos que fortalecem um “imaginário dominante que estrutura o mundo social com base em um padrão modelado pelo colonizador”.⁴⁰

“Hoje, com o termo “estereótipo” se indicam com frequência generalizações simplistas e, às vezes, caricaturais utilizadas sobretudo para qualificar grupos e/ou pessoas. Por vezes, são usados “estereótipos” também para classificar, de forma grosseira, algumas categorias de ações ou modos de discursar”⁴¹

Pensando nisso, no próximo subcapítulo trataremos da personagem Minny Jackson.

⁴⁰NGANGA, João Gabriel do Nascimento. O Ativismo Negro por meio do cinema: ações e representações dentro e fora das telas. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2019. Programa de Pós-Graduação em História- UFU, Uberlândia, 2019.

⁴¹SANTORO, Emilio. “Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias”.In: Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito, 2014.

2.3 MINNY JACKSON



Figura 11: Minny chegando na fazenda Foote. Frame retirado em 00:49:30.

Na trama, Minny Jackson é a personagem que mais engloba estereótipos. Seu jeito falante, personalidade forte, a forma como lida com as questões que lhes são colocadas e até mesmo seu físico fazem dela uma perfeita referência ao estereótipo da “Mommy”.

A descrição básica da Mammy gira em torno de uma mulher negra bem gorda, com seios enormes capazes de amamentar todas as crianças brancas do mundo, um lenço pra esconder o cabelo crespo “horroroso” e uma personalidade forte, cheia de garra [...] Ela é uma doméstica, nasceu pra isso. Cozinha como ninguém e tem as melhores receitas. É leal, é gentil, dá dicas de limpeza, é supersticiosa, religiosa, tá sempre pronta pra aconselhar as donas de casa e suas filhas — uma grande amiga!⁴²

Apesar de, a personagem não usar “lenço para esconder o cabelo”, prende-o de forma discreta condizendo com a descrição da Mommy. Ela é a negra insolente, extravagante e “desbocada”, tornando-se protagonista dos momentos mais cômicos do longa. Outros estereótipos criados, em sua maioria, durante a escravidão ou após a Guerra de Secessão, são usados até nossos dias “modelando as relações cotidianas.”⁴³

⁴²JARDIM, Suzane. Tia Jemina (a Mammy) – Reconhecendo estereótipos racistas internacionais – Parte V. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tia-jemina-mammy-reconhecendo-estereotipos-racistas-internacionais-parte-v/> Acesso: 24/06/2019.

⁴³ NGANGA, João Gabriel do Nascimento. O Ativismo Negro por meio do cinema: ações e representações dentro e fora das telas. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2019. Programa de Pós-Graduação em

[..]“Tio Tom”, “Mammy”, “Negro Brutal” e “Trágico mulato”, estereótipos estes que deram origem a tantos outros e que foram absorvidos pela cultura, modelando as relações cotidianas.⁴⁴

Entretanto, apesar de encaixar-se na descrição da Mommy, a personagem traz outros nichos interessantes para o mover da história e irei me concentrar em dois aspectos relevantes da personagem: sua relação com Hilly Holdbrook e Celia Foote.



Figura 12: Hilly, Senhora Waters e Minny. Frame retirado em: 00:08:17.

Na imagem acima temos Hilly Holbrook (Bryce Dallas Howard) seguida de sua mãe, a senhora Walters (Sissy Spacek) e da doméstica Minny (Octavia Spencer). Seguimos a cena com a voz em off de Aibileen, explicando como Minny, sendo empregada da senhora Walters, fora parar na casa de Hilly. Quando Walters passa a sofrer de uma doença nas artérias, a filha a força a se mudar para sua residência, levando junto, Minny Jackson.

Ainda sobre a imagem, é possível perceber como a formação das três mulheres representam a formação social da década de 1960. Holbrook segue distintamente na frente, fazendo alusão a sua privilegiada posição social, a sua jovialidade e liderança naquela sociedade. Senhora Walters segue logo atrás, representando a classe imêmore de idosas, tratada como um peso a que nada mais teria a contribuir. Por último, se encontra Minny, a empregada doméstica negra, seguindo rapidamente suas duas patroas,

reafirmando o que a cor de sua pele representava: segregação.

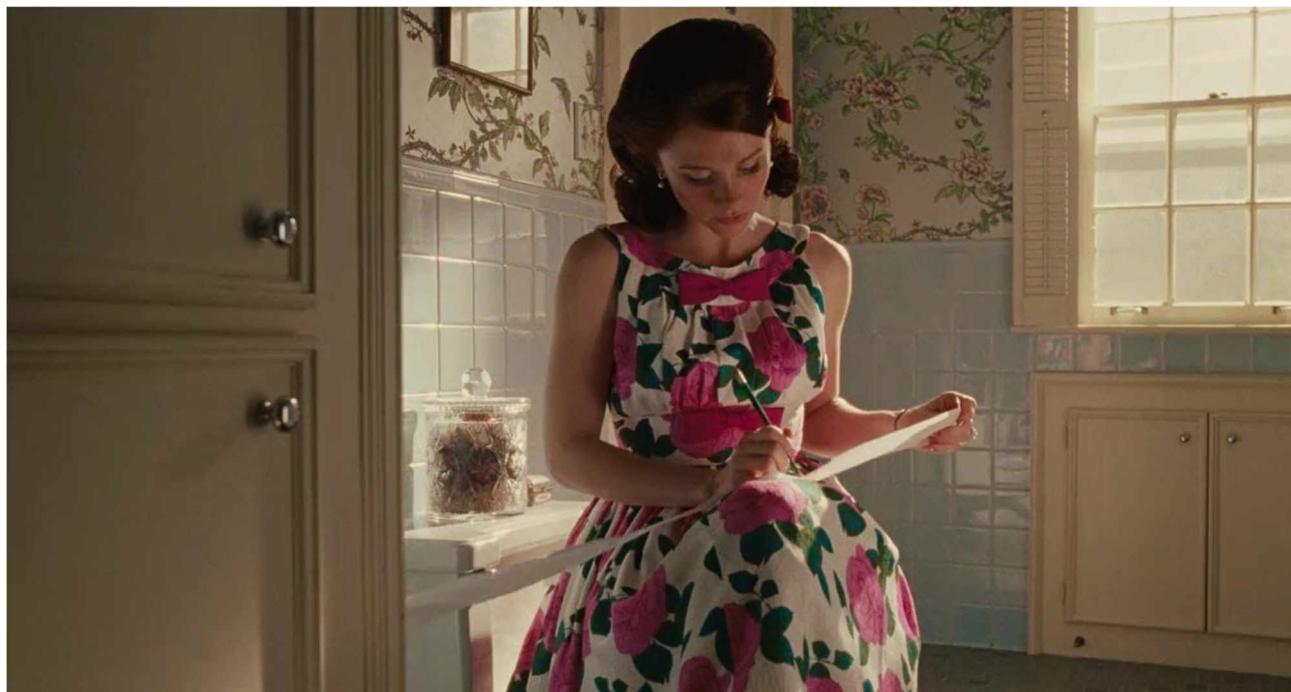


Figura 13: Hilly Holdbrook. Frame retirado em: 00:07:25.

O longa constrói, de forma maniqueísta, o conflito entre Minny Jackson e Hilly Holdbrook. Tal atrito inicia-se ainda nos primeiros minutos de filme, quando temos Holdbrook marcando a lápis o papel higiênico de sua residência para controlar o uso que a doméstica faz deste. Mais tarde percebe-se, que este ato de Hilly fazia parte de seu projeto de lei, que orientava os cidadãos de Jackson a construir banheiros específicos para suas empregadas, afim de não se contaminarem com as doenças delas.

Não obstante, o conflito entre as personagens cresce ainda mais, ao Holdbrook demitir a doméstica por ela usar o banheiro social da casa, mesmo com o banheiro próprio para empregadas pronto (no lado de fora da residência). Além da demissão, Hilly espalha entre as donas de casa de Jackson, que a doméstica roubara de sua casa um candelabro, dificultando a obtenção de um novo emprego para Minny. Assim, caminhamos para o ápice deste conflito.



Figura 14: Minny, Hilly e a torta. Frame retirado em: 00:38:33.

A cena acima, talvez seja a mais memorável de todo o longa. Minny prepara uma torta com um ingrediente especial para a ex patroa. A doméstica leva a torta para Holdbrook, que entende a ação como um possível pedido de desculpas. Enquanto come duas fatias da torta, Hilly dita as novas regras para Minny voltar a trabalhar na residência. Neste ponto, temos o seguinte diálogo:

“- Come meu cocô
 - O que você disse?
 -Eu disse: Come meu cocô!
 - Por acaso você enlouqueceu?
 - Não senhora. Mas a senhora vai, porque fez isso.” 1:38:17 Minny e Hilly.

O ingrediente especial de Minny, eram suas fezes. Tal acontecimento enfatiza a ação como uma resposta da doméstica a intolerância e racismo da dona de casa. A ação de Minny no longa é o refrigério na alma do espectador que é induzido a pensar esse fato como nada mais que merecido Segundo Pablo Vilhaça, “Minny oscila entre dois modos, “brava” e “engraçada”, constantemente combinando-os para atingir um efeito cômico maior – e o resultado é que, mesmo sofrendo abusos físicos do marido, o drama da personagem jamais ganha peso de fato”.⁴⁵

A ideia da negra vingativa que devolve na mesma moeda as atrocidades do

⁴⁵Cinema em cena. Disponível em: <http://www.cinemaemcena.com.br/Critica/Filme/6027/historias-cruzadas>
 Acessado em: 19/02/2017 às 23:32.

branco malvado é retrograda e pejorativo. Retrograda porque estamos tratando, basicamente, de mais um estereótipo que deveria ser combatido. Pejorativo porque reforça o ódio entre raças.

Nisto vemos, como a concepção de identidade revela-se infundida no cenário hollywoodiano ao afirma-se o que se é sem nunca problematizar o que é ser. SILVA⁴⁶ afirma que, uma vez que um signo é repetitivamente colocado a nós, o mesmo da embasamento para visões errôneas sobre a diferenciação. As mulheres retratadas na cena, respeitam os estereótipos, respectivamente, da jovem popular rica e de má índole e a serviçal insolente

Seguindo em contraponto, temos a relação entre Minny e Celia Foote. Elas estabelecem uma relação completamente diferente do que vimos com Hilly Holdbrook. Enquanto a ex patroa é dotada de intolerância e preconceitos, Celia Foote é a branca que foge aos padrões e trata a doméstica com igualdade.



Figura 15: Minny e Celia Foote. Frame retirado em: 00:51:32.

A imagem acima representa o ato da contratação de Minny ao posto de empregada da fazenda Foote. Percebe-se pela expressão assustada da doméstica, que o abraço espontâneo que Celia lhe dera, era um ato extremamente incomum entre negros e

⁴⁶SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença.” Disponível em: <http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20e%20da%20diferen%C3%A7a%20-%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva.pdf>

brancos. A relação das duas mulheres baseia-se em Minny buscando ensinar a Celia, como se comportar como uma patroa branca. Em vários momentos do longa Minny instruí a patroa sobre o comportamento considerado correto entre as brancas. Um dos momentos que melhor exemplifica essa inversão de papéis está na sequência em que as duas almoçam juntas.



Figura 16: Minny e Celia almoçando. Frame retirado em: 01:06:17.

Na sequência, enquanto a doméstica se prepara para almoçar, Foote vem a seu encontro para sentar a mesa com ela. Minny levanta-se e explica para a patroa que aquele local era inapropriado para ela, e esta devia se sentar na mesa de jantar.

“-A gente já conversou sobre isso. A senhora tem que comer na sala de jantar. É assim que tem ser! Me dá, vou levar o seu prato. -Eu estou bem aqui mesmo, Minny.” 1:05:57 Minny e Celia.

Adiantando-se para pegar o prato e levá-lo a mesa correta, Minny expõe para patroa que “é assim que tem que ser”, e Foote recua e recusa-se sair do lugar. É notável a cooperação entre as personagens no que diz respeito, ao enfrentamento de seus problemas pessoais e no rompimento da barreira da amizade entre negros e brancos. No decorrer do filme temos situações que as colocam lado a lado, permitindo-nos ver que suas lutas se completam. Minny ajuda Célia com a autoaceitação, porquanto, Célia auxilia Minny a superar a violência doméstica. Podemos ver então, atos de cooperação entre as personagens que, culminam em suas respectivas melhoras.

“A sororidade entre as mulheres negras e brancas era de fato

possível e, desde que erguida sobre uma base firme [...], poderia levar ao nascimento de realizações transformadoras”⁴⁷

Minnie teve sua trajetória ligada as tramas correspondentes a Hilly Holdbrook e Celia Foote. No entanto, a maneira como estas duas personagens estão representadas no longa faz toda a diferença no resultado final. Enquanto, da primeira personagem, absorvemos uma mensagem maniqueísta e estereotipada; da segunda personagem temos uma relação de assistência mútua e sororidade. O filme, ora estereotipa seus personagens, ora quebra com estereótipos.

⁴⁷DAVIS, Angela. “Mulheres, Raça e Classe”; Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20Davis_Mulheres%2C%20raca%20e%20classe.pdf Acesso: 24/06/2019.

2.4 AIBILEEN, CONSTANTINE E MINNY.

Tanto Minny, quanto Aibileen tiveram seus caminhos cruzados com o da personagem Eugenia Skeeter. Neste entrelaçar, Skeeter funciona como um trampolim para as já citadas personagens. Enquanto Minny supera a violência doméstica e trabalha entre amigos na fazenda Foote, Aibileen dá por encerrada sua vida como babá e doméstica e, vê a possibilidade de um recomeço na escrita. Apesar de, a princípio, a ideia de um livro que contasse a história do lado nunca antes ouvido, fosse aterrorizante para as domésticas, estas se uniram e se fizeram ouvidas.



Figura 17: Skeeter, Minny e Aibileen. Frame retirado em: 02:11:38.

É importante ressaltar que, Constantine é o que impulsiona a jovem Skeeter a escolher seu próprio caminho. Na fala “sua mãe não escolheu a vida dela, foi escolhida”, a babá da jornalista a incentiva a ser melhor do que as pessoas ao seu redor, demonstravam ser. Com personalidades distintas, mesmo estereotipadas, em suma, são mulheres trabalhando umas pelas outras, assim como afirmou Davis, em prol de “realizações transformadoras”⁴⁸

Percebe-se, por fim, que Eugênia Skeeter Phelan tem papel preponderante no

⁴⁸DAVIS, Angela. “Mulheres, Raça e Classe”; Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20Davis_Mulheres%20e%20raça%20e%20classe.pdf Acesso: 24/06/2019

que condiz aos dois mundos - negras e brancas - retratados no filme. A personagem é a ligação entre as duas esferas separadas por lei e é quem faz a ruptura de tradições.

3. “O CAMINHO É DIFÍCIL QUANDO A MÃE NÃO ACHA O FILHO BONITO”: EUGENIA SKEETER PHELAN E AS TENSÕES SOCIAIS.



Figura 18: Eugenia Skeeter. Frame retirado em: 00:04:40.

Eugenia Skeeter Phelan (Emma Stone), como mencionado no capítulo anterior, é a personagem que rompe o silêncio perante a discriminação. Recém-chegada da cidade grande, formada e sem marido, Skeeter destoa do grupo de mulheres pertencentes a elite local, sendo essas casadas, com filhos e donas de casa.

Com seus interesses pautados no sucesso profissional, a personagem foge ao padrão comum das suas jovens amigas. Enquanto Skeeter busca entender a si mesma, suas amigas de infância recorrem as repetições oriundas da alta sociedade Jackson. Ao romper com o círculo social ao qual também estava submetida, a jornalista produz incomodo a padronização existente. Se antes o relacionamento de Phelan com as amigas era baseado nas superficialidades - garotos, beleza, casamento -, agora, para a personagem, estavam respaldados em questões muito mais profundas – escolhas, identidade. Para Skeeter o objetivo era contribuir com a construção da sociedade, para as amigas a meta era ser a sociedade.

Entretanto, a ruptura de Skeeter para com os comportamentos da elite de Jackson, não é explicado somente pelo senso crítico da garota. A jovem que sofria por não ser bonita como as outras garotas (pois, vivia sob o estigma de ser bela como a mãe,

ex-Miss), sempre recorria a mãe preta, Constantine. Nos momentos em que se sentia excluída de seu grupo social, Constantine a auxiliava dando conselhos que elevavam sua autoestima, instruindo-a a escolher os próprios passos de sua vida, sem se deixar levar pelos padrões que todos a sua volta cumpriam: ensinava-lhe a não se sentir como “coitadinha”.

“- Queria que parasse de se sentir coitadinha! Isso sim é coisa feia. Coisa feia é uma coisa que cresce por dentro. É ruim e machuca como os garotos, e você não é um deles, não é?”
00:24:15 Constantine

Há em Eugenia um afastamento de atos racistas, que podemos afirmar ser, em parte, por seus anos morando na cidade grande. A personagem sai do estado do Mississippi para fazer faculdade e somente quando se forma, retorna a cidade de Jackson. Skeeter, seguindo as orientações de sua mãe preta, vai além das outras garotas e busca, em primeiro lugar, ser uma grande profissional.

Almejando ser uma grande escritora, ao retornar a Jackson, Eugenia não vê como normal o tratamento delegado as domésticas e isso se deve ao fato de que ela mesma foi criada por uma dessas.



Figura 19: Flashback de Skeeter e Constantine. Frame retirado em: 01:55:03.

A personagem, se distancia do modo de vida de suas amigas em vários aspectos. Primeiro por tratar em pé de igualdade as empregadas negras nos

agradecimentos ao ser servida, nas conversas que não se fixam somente em questões domésticas ou em lembrar sempre de cumprimentá-las; gestos incomuns em uma sociedade que enxergava o negro como inferior.

“Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas”⁴⁹

Diferentemente do resto de suas amigas, que também passaram pela experiência de serem criadas por babás negras, depois de adulta Skeeter continua amando a babá que a criou, não naturalizando o racismo.

Com a inexplicável demissão e sumiço de Constantine, e seu crescente descontentamento com a segregação e discriminação racial, Skeeter decide escrever sobre o que a incomoda: a invisibilidade das domésticas negras.

“Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. [...] É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres.”⁵⁰

Eugenia Phelan, nos remete as estudiosas feministas da segunda onda do feminismo da década de 1960. Assim como essas mulheres, a personagem intenta tirar da escuridão as mulheres oprimidas, dando “voz aquelas que eram silenciosas e [ou] silenciadas, [focalizando] áreas, temas e problemas”⁵¹ diferentes de sua experiência pessoal.

Ao passo de que tanto Eugenia quanto as domésticas sofriam cotidianamente com a discriminação de gênero, às empregadas contudo, restava ainda a questão racial. Faz-se importante ressaltar, o trabalho conjunto elaborado por Skeeter e as domésticas.

⁴⁹ Louro, Guacira Lopes. “A emergência do "gênero" A mulher visível. Gênero, sexo e sexualidade. Desconstruindo e pluralizando os gêneros.” In: Gênero, sexualidade e educação. Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1997.

⁵⁰ Louro, Guacira Lopes. “A emergência do "gênero" A mulher visível. Gênero, sexo e sexualidade. Desconstruindo e pluralizando os gêneros.” In: Gênero, sexualidade e educação. Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1997.

⁵¹ Idem.



Figura 20: Skeeter estudando as leis “Jim Crow”. Frame retirado em: 00:37:39.

Assim como escrever sobre algo mantido na invisibilidade é tarefa árdua, falar não era mais fácil. As domésticas, que viviam sob o espectro do medo das leis que regiam a segregação racial, preferiam se calar ao arriscarem suas vidas relatando suas histórias. Em um dos diálogos entre Skeeter e Aibileen, este medo é colocado em palavras:

“-Tacaram fogo no carro da minha prima Chanely só porque ela foi na seção eleitoral.

-Ninguém nunca escreveu um livro como esse!

-E tem um motivo. Se eu faço isso é a mesma coisa de eu incendiar minha casa.” 00:36:27 Aibileen e Skeeter

Ao tentar arrebancar as domésticas para contarem suas histórias, a jornalista encontra grande dificuldade. A jovem percebia o medo entre as domésticas, porém não compreendia-o em sua totalidade. Para isso, decide estudar as leis segregacionistas, conhecidas como Jim Crow⁵², assim como a imagem acima denota. Na sequência, a voz em off de Aibileen narra parte da cartilha:

“- Ninguém pode exigir a presença de nenhuma branca em enfermaria, nem quarto onde tiver preto internado;

Os livros não podem ser trocados entre escola de branco e escola de

⁵² Jim Crow é um personagem criado pelo comediante branco Thomas D. Rice no século XIX. O personagem, que era interpretado por um homem branco pintado de preto, fez um enorme sucesso sendo inspiração para criação de diversos personagens do gênero. Ver em JARDIM, Suzane. O Jim Crow – Reconhecendo estereótipos racistas internacionais – Parte II. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-jim-crow-reconhecendo-estereotipos-racistas-internacionais-parte-ii/#ixzz4F3RKANIP> Acesso: 24/06/2019.

preto, mas devem continuar sendo usados pela raça que usou primeiro; Nenhum barbeiro de cor pode atender mulher, nem menina branca; Qualquer pessoa que publicar, divulgar ou circular material escrito a favor da aceitação pública ou da igualdade social entre preto e branco, tá sujeito á prisão.” 00:37:28 Aibileen

Assim, Skeeter descobre que a intervenção que pretendia fazer era ilegal. Todavia, a ilegalidade não a faz parar, mas a motiva ainda mais. Aibileen e Minny são as primeiras a darem seus relatos, advertindo a jornalista do perigo constante que estas corriam. A cooperação das domésticas, entretanto, só viria após a violenta prisão da doméstica Yule May.

Substituta de Minny Jackson na residência Holbrook, a empregada pede a Hilly, 75 dólares emprestados afim de pagar a faculdade para um dos filhos. Sem demora, Hilly nega o empréstimo e humilha a doméstica, fazendo uso de discurso religioso. No entanto, enquanto aspira a sala dos Holdbrooks, Yule May encontra um anel de Hilly e leva-o para penhorá-lo. A patroa descobre e a denúncia a polícia, que dá voz de prisão a doméstica diante do ônibus lotado de empregadas. Este fato faz com que todas as empregadas, se unam e que deem seus depoimentos para o livro de Skeeter.



Figura 21: Domésticas relatando suas histórias. Frame retirado em: 01:30:14.

Skeeter abre um canal de fala para as empregadas, demonstrando ser possível a união entre negras e brancas na luta por causas semelhantes. O desempenho da jornalista no que se refere a sair de seu lugar de conforto e ir de encontro ao lugar de

confronto, é, sem dúvida, a reiteração da figura do herói. Contudo, tal performance da personagem não se conclui em sua solicitude, a todo momento a protagonista depende do querer das empregadas domésticas, o que não se deve aos seus esforços, mas ao triste aprisionamento de uma integrante do grupo das domésticas.



Figura 22: Stuart e Skeeter. Frame retirado em: 01:15:20.

Por último, e não menos importante, é necessário que examinemos o breve relacionamento de Skeeter e Stuart. Durante o filme a personagem engata um romance arranjando por Hilly, com Stuart, um jovem que trabalha em uma estação petrolífera. Após várias tentativas para um encontro, sempre impedidos pelo trabalho de Stuart, finalmente temos um primeiro encontro. Vê-se, inicialmente, que nem Skeeter ou Stuart queriam realmente começar algo. E é por este mesmo motivo que o relacionamento acaba acontecendo. Com relação ao longa, o período em que o relacionamento acontece não difere em nada na trama, pois o casal é visto somente três vezes: em seu primeiro encontro, no segundo encontro e em seu rompimento. E é em seu término que se concentra a ação que nos interessa.



Figura 23: Stuart terminando o relacionamento com Skeeter. Frame retirado em: 01:57:46.

- Pediu que eu escrevesse algo bom, algo que acreditasse!
 -Não é nisto que eu acredito! Aquela piada com a Hilly, dos banheiros, é engraçada. Por que você fez isso com a gente? Nem sei porque você foi mexer nesse assunto! 01:57:48 Skeeter e Stuart.

Stuart, no começo da relação com Skeeter, a incentivava a escrever “algo muito bom,” algo que ela acreditasse. Mas sua reação, explícita no diálogo acima, ao saber que fora a namorada que escrevera o livro com as histórias das empregadas, reflete o que o personagem representa na obra: a relação de poder. O jovem culpabiliza a jornalista pelo iminente fim do relacionamento já que esta havia tocado em um assunto que não acreditava.

- Está tudo bem por aqui, por que você foi criar encrenca?
 - O problema já estava aqui, Stuart!” 01:58:04 Skeeter e Stuart.

. Embora poucos sejam os homens em cena no longa e que, em sua maioria, sirvam de estepe para as atuações femininas, o jovem namorado de Skeeter é o único com oportunidade de apresentar-se de modo diferenciado. E quando o faz, Stuart representa o sistema patriarcal em que a personagem central está envolvida:

“o patriarcado é estruturado de forma que o sexismo restrinja o comportamento das mulheres em algumas esferas, mesmo que, em outras, haja liberdade em relação a limitações.”⁵³

⁵³ HOOKS, Bell. “Mulheres negras: moldando a teoria feminista”. In: Revista Brasileira de Ciências Políticas, nº.16 Brasília- 2015 Jan./Apr. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193

Ainda que Skeeter, em suas ações, atue de forma a romper com as forças padronizadoras socialmente aceitas pela alta sociedade, e tente expor como ela se encontra doente, a jornalista permanece limitada nesta.

“As formas de inserção nessas disputas podem, também, ser diversas para cada sujeito — que pode viver instâncias ou situações de subordinação e, ao mesmo tempo, situações de dominação”⁵⁴

Enfim, a personagem Eugenia Skeeter Phelan ao procurar sua própria identidade revela as relações de poder incutidas num ambiente onde os problemas reais não eram questionados e sequer problematizados. A personagem, além de colocar em evidência uma das feridas oriundas de ações preconceituosas e discriminatórias, com seu olhar crítico se afasta das questões fúteis produzindo uma crise de identificação nos demais indivíduos da alta sociedade de Jackson.

“Reconhece-se, sobretudo, cada vez mais, que há situações reveladoras, e especial as crises, provas de verdade, que colocam a nu o que é fundamental.”⁵⁵

⁵⁴ Louro, Guacira Lopes. “A emergência do “gênero”: A mulher visível. Gênero, sexo e sexualidade. Desconstruindo e pluralizando os gêneros.” In: Gênero, sexualidade e educação. Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1997.

⁵⁵ MONIOT, Henri. “A história dos povos sem história” In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. “História: Novos Problemas.” Editora S.A., 3ª edição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O cinema tem papel relevante como difusor de discursos. Quando se trata do gênero histórico, torna-se ainda mais importante. Com ele a história se torna visível, ganhando forma, cor e movimento. Trabalhar uma obra fílmica de gênero histórico, é compreender que nele esses aspectos não falarão, propriamente, sobre o passado encenado. Dirão, mostrarão e refletirão o hoje.

Mas como produto cultural a ser consumido por diversos tipos de público, todo cuidado é considerável. Se porventura, um filme se propõe a falar sobre mulheres, iremos ao cinema assistir mulheres. Quando um filme, deseja relatar eventos históricos, iremos assistir eventos históricos. Mas, quando temos um filme em que a proposta não é inteiramente o que se entrega, visualizamos um impasse. Embarço esse, que se encontra no filme *Histórias Cruzadas* (2012).

Como dito anteriormente, o cuidado é redobrado ao colocar a História em cena pois, como grande divulgador que é, o cinema pode preencher tanto lacunas históricas, quanto repetir ideias errôneas. *Histórias Cruzadas* (2012) se encaixa no segundo ponto. Ao propor uma atribuição de voz as domésticas negras da década de 1960, com a criação de um canal pelo qual elas pudessem relatar suas experiências, compreende-se que teremos as histórias destas vivências.

E embora o relato aconteça, este se dá através da intervenção de uma jornalista branca. que ao desnaturalizar a segregação racial se perturba com a realidade social das domésticas. Mas, ainda que as personagens negras sejam a motivação central do filme, pouco espaço lhes são conferidos. Logo este trabalho, além de ter por objetivo a análise das personagens negras e a personagem branca, buscou principalmente identificar e dar – finalmente - voz as personagens negras.

Não obstante, a presença das mulheres negras – pouco explorada, se pensarmos a proposta inicial do longa – demonstram humanidade, inteligência e relevância. Nas personagens elegidas para análise – Aibileen, Constantine e Minny-, obtivemos três visões diferentes, mas que se complementam.

Na personagem de Aibileen Clark (Viola Davis), a única protagonista negra, obtemos o sentido opressor da segregação racial. Com a personagem trabalhamos as noções de fé - em prol da luta por direitos civis -, depressão – causada, indiretamente, pelo racismo -, esperança nos discursos políticos - que intentavam combater a

segregação racial -, autoestima e aceitação própria, e por fim, consciência sobre o círculo vicioso do trabalho doméstico para as mulheres negras. Mas seu protagonismo está na ação desenvolvida com Eugenia Skeeter. Nisto, Aibileen toma a frente e escreve sua história, transformando a jornalista em espectadora. Mas observando a premissa do filme, isto é muito pouco perto do que deveria ser a ação da doméstica. Viola Davis, atriz que interpreta a personagem Aibileen, em entrevista ao *The New York Times*, revela que se arrependia de ter feito *Histórias Cruzadas* pois

“Eu só senti que, no final das contas, não eram as vozes das empregadas que estavam sendo ouvidas. Eu conheço Aibileen. Eu conheço Minny. Elas são minha avó. Elas são minha mãe. E eu sei que se você quer fazer um filme onde toda a premissa é baseada em saber como é trabalhar para pessoas brancas e criar crianças em 1963, eu quero ouvir como você realmente se sente sobre isso. Eu nunca ouvi isso ao longo do filme”⁵⁶

A personagem Constantine Jefferson (Cicely Tyson), conhecida através de Skeeter, apesar de pouco tempo em cena é essencial para o deslanchar da trama. O destaque da personagem, está em ser mentora de Eugenia Skeeter, incentivando-a a ser diferente das outras garotas, numa fala que implica sua própria história. Aqui percebemos como o protagonismo, desde o início, foi entregue a personagem de Skeeter. Nela temos os conceitos de racismo e discriminação, impregnados nas ações de outros para com ela. Temos aqui uma personagem sem voz, que em seu momento de fala serve apenas para entendermos a personalidade de outro personagem – a personagem branca.

Minny Jackson (Octavia Spencer) é a personagem em que os estereótipos mais se manifestam. Encontramos na coadjuvante, aspectos que remetem ao famoso estereótipo da “Mommy”: gorda, cozinheira, cabelo discreto, faladeira e insolente. Entre Minny e Hilly, trabalha-se um conflito maniqueísta e sem complexidade, onde constrói-se um caminho para a empregada vingar todas as maldades da ex-patroa. Com Celia Foote, Minny estabelece uma relação afetuosa e instrutiva – para as duas. Nessa relação, a personagem detém o poder de ação e de fala, tendo o protagonismo pra si. Minny é de fato, o alívio cômico e a reiteração do imaginário sobre a mulher negra. Nisto percebemos a falta de problematização e identidade, pois ora Minny é estereotipada, ora tem o poder da ação.

Em contraste, a personagem de Emma Stone, Eugenia Skeeter Phelan é uma

⁵⁶ Observatório do Cinema. Disponível em:

<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2018/09/historias-cruzadas-viola-davis-diz-que-se-arrepende-de-seu-papel-no-filme> Acesso: 24/06/2019.

figura que na procura por identificar-se já está inserida em uma identidade: a de heroína. A protagonista desempenha o papel heroico da película, quando identifica um problema e sai de seu lugar de conforto, indo ao confronto. Mas sua ação, como dito anteriormente, não confere só a si: está enredada pelas domésticas negras.

Skeeter então, não desenvolve o papel heroico completamente só. A personagem é a ponte que une os dois mundos de Jackson. Ela se afasta do racismo e dispõe de gestos respeitosos para com os negros, rompendo com o padrão comportamental de seu círculo social, possuindo pensamentos feministas e enfrentando o sistema em que estava inserida.

Histórias Cruzadas (2012) traz, portanto como elemento de identificação com o público a personagem Eugenia Skeeter. Nisso encontra-se a problemática do filme, pois revela-se amarrado a narrativa clássica hollywoodiana, reforçando estereótipos e desvelando confusão em relação as intenções originais.

A questão, portanto, não é a fidelidade a uma verdade ou realidade preexistente, mas a orquestração de discursos ideológicos e perspectivas coletivas. Se em um determinado nível um filme se constitui através de uma prática mimética, ele também é discurso, um ato de interlocução contextualizada entre produtores e receptores socialmente situados.⁵⁷

Mais ainda que, os problemas saltem aos olhos, vale salientar que no filme, ainda se acha avanços. Um dos discursos proferidos pelo longa se detém na união entre as personagens negras e a personagem branca. Em prol de uma causa em comum, foi possível vê-las laborarem, em conjunto, um lugar de fala, onde detinham força para denunciar a discriminação racial através de suas histórias.

Enfim, a importância de filmes históricos na construção do saber é inimaginável. Na medida em que estes identificam e expõem os estereótipos que seguem o gênero, fazem-no afim de rompe-los. Mas o caminho contrário, reflete na disseminação e perpetuação do engano. Em vão são os filmes que, ao anunciarem que serão diferentes em seus discursos e representações, optam pela facilidade de estereotipar e apresentar um trabalho fiel aos padrões clássicos hollywoodianos.

⁵⁷ SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FONTES

Filme:

Histórias Cruzadas (The Help). Direção: Tate Taylor. Produção: Chris Columbus, Michael Barnathan. Estados Unidos, Índia e Emirados Árabes: DISNEY/BUENA VISTA, 2011. Arquivo digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

13ª emenda – Direção: Ava Duvernay, 2016 (1h40min).

BATISTA, Kássius Kennedy Clemente. *Mississippi em chamas e Panteras Negras no intervalo entre História e Cinema*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014. p. 14. Programa de Pós-Graduação em História- UFU, Uberlândia, 2014.

CALDEIRA, Isabel. “A construção social e simbólica do racismo nos EUA”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 39, Maio – 1994.

CARVALHO, Maria Lidia de. “Compreendendo a Auto-Estima no Enfoque da Gestalt Terapia”. UniCEUB. Brasília, Nov. 2007.

Cinema em cena. Disponível em: <http://www.cinemaemcena.com.br/Critica/Filme/6027/historias-cruzadas> Acessado em: 19/02/2017.

Constituição dos Estados Unidos da América. Disponível em: <http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/ConstituicaoEUARecDidaPESSOALJNETO.pdf> Acesso: 24/04/2019.

CONTINS, Marcia; SANT'ANA, Luiz Carlos. “O movimento negro e a questão da ação afirmativa.” In: *Estudos Feministas*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16670/15239> Acesso: 16/06/2019

DAVIS, Angela. “Mulheres, Raça e Classe”. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20Davis_Mulheres%2C%20raca%20e%20classe.pdf Acesso: 24/06/2019

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. “Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 14, nº 39, fevereiro – 1999.

HOOKS, Bell. “Mulheres negras: moldando a teoria feminista”. In: *Revista Brasileira de Ciências Políticas*, nº.16 Brasília-2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193

JARDIM, Suzane. *O Jim Crow – Reconhecendo estereótipos racistas internacionais – Parte II*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-jim-crow-reconhecendo-estereotipos-racistas-internacionais-parte-ii/#ixzz4F3RKANIP> Acesso: 24/06/2019.

JÚNIOR, Florisvaldo Paulo Ribeiro; CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. “TRIBUTO A NINA SIMONE: arte, política, o corpo e a questão racial/sexual nos Estados Unidos da América em dois atos” In: Caderno Espaço Feminino, Uberlândia-MG, v. 29, n. 2 – Jul./Dez. 2016.

JÚNIOR, João Feres. “O combate á discriminação racial nos EUA: estudo histórico comparado da atuação dos três poderes.” In: Sociedade em Estudos, Curitiba- PR, v.2, nº 2, p.53-61, 2007.

KARNAL, Leandro. “História dos Estados Unidos: das ao século XXI”. 3º edição. São Paulo: Contexto, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. “A emergência do "gênero" A mulher visível. Gênero, sexo e sexualidade. Desconstruindo e pluralizando os gêneros.” In: Gênero, sexualidade e educação. Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1997.

MONIOT, Henri. “A história dos povos sem história” In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. “História: Novos Problemas.” Editora S.A, 3ª edição.

MORETTIN, Eduardo Vctorio. “O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro” In: Revista História: Questões e Debates; Curitiba: Editora UFPR;2003, nº38, p. 11 – 42.

NGANGA, João Gabriel do Nascimento. O Ativismo Negro por meio do cinema: ações e representações dentro e fora das telas. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2019. Programa de Pós-Graduação em História- UFU, Uberlândia, 2019.

Observatório do Cinema. Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2018/09/historias-cruzadas-viola-davis-diz-que-se-arrepende-de-seu-papel-no-filme> Acesso: 24/06/2019.

PURDY, Sean. Direitos Civis e Contracultura nos EUA Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/direitos-civis-eua-apresentacao> acesso em: 11/12/2017.

SALLES, Filipe. “O cinema épico”. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/24-histcinema/185-cinema-epico> Acesso: 08/06/2019.

SANTORO, Emilio. “Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias”.In: Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito, 2014.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, Deide Fátima; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; Bifano, Amélia Carla

Sobrinho. “Ensaio da História do Trabalho Doméstico no Brasil: um trabalho invisível.” In: Cadernos de Direito, Piracicaba, vol. 17, janeiro- junho, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença.” Disponível em:

<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20e%20da%20diferen%C3%A7a%20%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva.pdf>

STOCKETT, Kathryn. A Resposta. Tradução de Caroline Chang. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre análise fílmica. Ed. Papyrus; Campinas- SP, 1994.